



**EDUCADORES DE ARTE
SE ENCONTRAM**

PRESENÇA DE FAYGA

**POESIA, CONTO,
RESENHA LITERÁRIA**

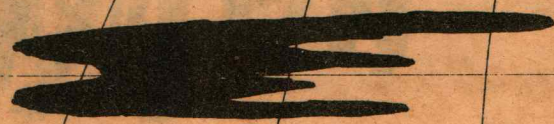
UMA BANDA CENTENÁRIA

**JAIME FERNANDES:
O POETA PREMIADO**

SOBRE A FARRA DO BOI

TEATRO INFANTIL

TRUZ



CULTURA

Ano 1
Nº 1

A maior efervescência de eventos culturais em Santa Catarina, nesses últimos meses do ano, tem sugerido — pela vitalidade dos diversos encontros aqui realizados e pela natureza dos debates — uma

inquietação positiva no sentido de se rediscutir e reformular os rumos de nossa cultura. Começam a refletir-se e questionar-se as atividades existentes em todas as áreas. Busca-se o conhecimento dos valores dos municípios catarinenses. Estabelecem-se intercâmbios mais fortes com

os produtores culturais de outros Estados. Neste segundo número — ainda que fatalmente condicionado à limitação de páginas — CULTURA permanece no seu objetivo inicial de tornar-se uma publicação aberta às manifestações criativas de Santa Catarina e que possa funcionar como pólo informativo dos debates em processo.

Rua Tenente Silveira, 69/3º andar
Biblioteca Pública do Estado
Fone: (0482) 22-1155 ramal 24
88010 — Florianópolis — SC
Tiragem: 6.000 exemplares
Distribuição gratuita

Jornalista Responsável
Paulo Clóvis Schmitz

Coordenação
João Paulo Silveira de Souza

Comissão de Redação
Harry Laus
Maria Célia Di Bernardi Maciel
Ronaldo dos Anjos

Planejamento e Arte
Onor Filomeno
Neno Brazil

Fotografia
Danísio Silva

Conselho Consultivo
Edson Machado
Eugênio Lacerda
Gilberto Gerlach
Ieda Ina
José Henrique Ferreira
Marcelo Muniz
Sônia Malheiros Miguel
Valmor Beltrame

Distribuição
Assessoria de Promoções e Eventos

As matérias assinadas são da inteira
responsabilidade de seus autores.

Capa:
SOCIETAS INSECTORUM
Oficinas de Arte



ESPALHA FATO



A FARRA DO BOI

Eugênio Lacerda

Primeira coisa a se dizer: está na hora de desmistificar a farra do boi: o povo que pratica a farra do boi não é cruel; não é bárbaro; não é violento; não é atrasado. O povo que pratica é pescador, descendente de açorianos, e carrega consigo diversas manifestações culturais advindas dos Açores, de Portugal, da Península ibérica, dos povos mediterrâneos. Assim como o terno de reis, o boi-de-mamão, as festas de Navegantes, a festa do Divino, as rendas e crivos, a farra do boi é uma manifestação cultural que caracteriza a identidade social destas comunidades litorâneas. Um universo que deve ser pesquisado, não reprimido, porque a farra tem raízes rituais profundas que se manifestaram na História de várias formas em vários povos. Será preciso explicar

antropologicamente o rito do boi, as formas que adquiriu, sua contemporaneidade, seus aspectos como ritual, suas conotações sociais, econômicas e políticas. O que não se pode fazer é exorcizar essa prática cultural do povo que a realiza, transformando a farra do boi em bode espiatório da violência social que nos cerca, ou como terapia ocupacional de militantes da boa consciência, sejam verdes, amarelos ou brancos. Foi isso o que a mídia fez, espalhando o medo e o rumor para crucificar não o boi, mas o homem litorâneo de Santa Catarina. Encarar a farra do boi como fenômeno de violência e tortura, ou como algo que deve ser banido, é julgar não a farra em si, mas as populações envolvidas, ditas primitivas, e que por isso também estão sendo banidas do direito de preservar suas tradições.

É bem verdade. A farra do boi é um rito de excesso, uma extravagância popular capaz de escandalizar a moral bem comportada de cidadãos civilizados e mexer com a opinião pública dominante. No entanto, é necessário ruminar um pouco a questão, como diria Nietzsche, ou pelo menos ter um pouco mais de lucidez embasada em fatos reais. São 42 comunidades espalhadas pelo litoral catarinense, que apresentam baixíssimos índices de criminalidade. Em abril deste ano, por ocasião da Semana Santa, foram registradas 64 farras do boi, sendo que 52 em cercados (mangueirões) e 12 no mato ou nas ruas de bairros afastados. Dessas, em somente cinco constatou-se violência contra o animal (pedradas). A Polícia Militar abateu quatro bois e nas comunidades visitadas pela Comissão de Estudos da Farra do Boi não foi registrado nenhum sinal de violência. Tive oportunidade de visitar as comunidades, conhecer as opiniões dos

moradores, perceber seu envolvimento com a farra, coisa mais importante a fazer, já que não se pode criticar uma cultura sem senti-la. Alguém chegou a nos dizer: "Tirem-nos tudo, mas não nos arranquem a farra do boi". Reconhecem a existência de casos de violência, entretanto a maioria renega tais atitudes e querem mesmo é participar da brincadeira, sem maltratar ninguém, nem sofrer repressão policial. Disseram que uma mentira dita mil vezes se torna verdade, como numa reação em cadeia. Toda essa celeuma acabou provocando uma reação governamental. Em setembro de 1987, o Governo encarregou uma Comissão de estudar o assunto. Passamos sete meses visitando as comunidades, levando uma mensagem de não-violência, dizendo que a farra não era caso de proibição legal, mas que a violência aos animais era uma contravenção. Vimos em muitas comunidades a iniciativa de construir os chamados "mangueirões"

uma alternativa espacial capaz de transformar a tradição, mas também de evitar danos desnecessários. E esse processo continua em várias localidades que já possuem seus mangueirões. Ganchos já tinha o seu pronto havia quinze dias, só que não foi usado pela população que reagiu à violência policial ali ocorrida. Essa é uma tendência que se verifica. A Comissão de Estudos da Farra do Boi produziu um vasto relatório, concluindo que "a Farra do Boi é uma tradição cultural de Santa Catarina; que a violência não é uma característica da farra em si; e que sem violência a farra é uma festa e não constitui contravenção penal". Propusemos a publicação de um livro, a confecção de um vídeo, seminários, a introdução da problemática ambiental nas escolas de primeiro e segundo grau e todo apoio às comunidades para que preservem a farra, estimulando a

construção dos mangueirões. Propusemos isto em julho, mas só em outubro houve condições políticas para uma decisão governamental, sob o urgente argumento de que se tais medidas não fossem tomadas, o povo de Santa Catarina novamente seria motivo de escândalo no cenário da mídia nacional e internacional. Resta-nos agora trabalhar ao lado das comunidades, acompanhar a evolução dos acontecimentos e, por fim, esclarecer aos mal-informados que a Farra do Boi é uma festa aqui, culturalmente complexa, mas desprovida de canibalismo ecológico.

Eugênio Lacerda
é Coordenador
da Assessoria de Memória
e Patrimônio Cultural da
Fundação Catarinense de
Cultura.

UM POETA NO CASTELO



Foto Danilo Silva

O autor de *Um Menino no Castelo* (Prêmio Luís Delfino de Poesia/87, instituído pela Fundação Catarinense de Cultura) nasceu em Coimbra, Portugal, no ano de 1941 e descobriu o Brasil em 1976. Com muitas diferenças de seu conterrâneo Pedro Álvares Cabral: em vez de índios e Bahia, encontrou senhores emplumados no Rio de Janeiro, onde participou como diplomata da Conferência da Agência Internacional de Energia Atômica. Plumas e tratados de paz à parte, verificou que o melhor átomo de sua poesia estava escondido num consulado em Curitiba, com que Cabral nem Fernandes haviam sonhado. Como diplomata, voltou ao Brasil em 1979 e nunca mais saiu daqui. Acabou trocando de profissão, optando pelo magistério (é graduado em Economia, mestre em Sociologia e pós-graduado em Administração), por obra e graça do veterinário José Luís Moreira, que o indicou para iniciar os Cursos de Ciências Contábeis na Faculdade de Letras e Ciências, em Mafra, Santa Catarina. Enquanto aguarda sua nomeação como titular concursado, também é conferencista da Universidade Federal do Paraná e coordenador de estágios na Faculdade de Administração Escolar, em Curitiba.

Confessando que seu desejo maior sempre foi e é dedicar-se integralmente à literatura ("É um hobby, mas um hobby que me realiza"), Jaime Fernandes, 47 anos, respondeu às perguntas de CULTURA na presença de dois gatos, únicas testemunhas de sua solidão em Mafra.

CULTURA: E a vida, como vai?

J. F.: Parece-me sempre que já vivi o bastante. Dificilmente passarei por situações que não tenha ainda vivido. Fui casado, tenho quatro filhos, um dos quais já médico e casado, fui professor em Portugal durante alguns anos, administrador escolar, até entrar para a carreira diplomática. Passei por vários países de três continentes: Europa, África e Américas (do Norte e do Sul). E, parece, vim finalmente cair em Mafra. Ironia do destino, mas temos que recomeçar por qualquer lado.

CULTURA: Como tem conseguido adaptar-se à realidade brasileira?

J. F.: Realmente, não é tão fácil quanto parece. Depende muito das comunidades onde se cai. Mafra, por exemplo, é difícil. E Curitiba também o é. São sociedades muito fechadas, embora diferentemente. Já Florianópolis é mais aberta, mais autêntica. Creio conhecer praticamente o Brasil todo e considero, salvo o Rio de Janeiro, Florianópolis a cidade mais bonita do Brasil.

CULTURA: Quais as diferenças culturais mais marcantes entre Brasil e Portugal?

J. F.: Existem muitas. Portugal é um país europeu de oito séculos de história, com suas variantes e os seus regimes vários. A cultura de oito séculos não é para menosprezar. O Brasil é um país jovem, cheio de potencialidades que, na minha opinião, não sabe, não pode, ou as oligarquias não querem explorar. Tenho dito, por mais de uma vez, que o problema do Brasil não é substancialmente econômico ou social, mas fundamentalmente cultural. Os outros problemas existem, evidentemente, mas são uma consequência deste último. Em Portugal, subimos fazer uma Revolução — a do 25 de Abril — no meio de três guerras coloniais. A língua dos dois países é a mesma: as relações culturais não são o que se poderia esperar, mas existem. Creio que o maior obstáculo é ainda o trauma colonial que não permite um melhor entrosamento. É necessário certo tempo para que tudo se solidifique.

O Brasil é um país jovem, cheio de potencialidades que ele não sabe, não pode, ou as oligarquias não querem explorar. O problema do Brasil não é substancialmente econômico ou social, mas fundamentalmente cultural.

CULTURA: No contexto da poesia em geral, como vê o Brasil?

J. F.: Muito bem, me parece. Grandes poetas que já têm uma tradição. Reportando-nos a anos recentes, basta citar Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade ou, mais recentemente ainda, João Cabral de Mello Neto. Gostaria de citar a excepcional Escola de São Paulo, os concretistas Álvaro/Augusto de Campos, Décio

Pignatari. Bom, seria sempre importante não esquecer a Escola de 1922, da Semana de Arte Moderna de São Paulo, com Mário de Andrade e Oswald de Andrade. E por que não Guimarães Rosa?

CULTURA: Como situa *Um Menino no Castelo* (*A Child in the Castle*) em relação à sua poesia anterior?

J. F.: *A Child in the Castle* é um poema inteiro, digamos assim. Num prefácio antigo a um livro que anteriormente publiquei, Leopoldo Scherner dizia que eu não faço poemas, construo livros. Isso é uma verdade. Tenho que mentalizar primeiro todo o esqueleto do livro, e depois começa o drama — a luta contra a página em branco, a máquina de datilografar — que muitas vezes alteram sensivelmente a estrutura que havíamos concebido. Lá o diz Albert Camus ou Max

Tenho que mentalizar primeiro todo o esqueleto do livro. Depois começa o drama — a luta contra a página em branco, a máquina de datilografar — que muitas vezes alteram sensivelmente a estrutura inicial.

Bense. Esteticamente, *A Child in the Castle* vem na seqüência de uma série de experiências que começaram há muitos anos e que têm continuado, sempre, a caminho da forma mais pura ou condensada, como Pound gosta de chamar. Talvez seja hermética, mas a limpidez da forma tem-se acentuado à medida que vou avançando na exploração de várias técnicas e outras formas poéticas que vou começando a encontrar. Tenho presentemente três livros prontos para publicação, num total de 500 páginas em que as formas de *A Child in the Castle* estão mais cristalinas (ou cristalizadas?).

CULTURA: Como concilia os diversos aspectos do conhecimento — Economia, Sociologia e Administração — com o seu trabalho poético?

Os diversos conhecimentos não são tão incompatíveis como se poderia pensar. Antes pelo contrário, dão uma abrangência de linguagem muito grande. Os diversos vocabulários só contribuem para um enriquecimento da linguagem poética. Jorge de Sena era engenheiro. Robbe-Grillet também; Fernando Namora é médico, e assim por diante. . . Por outro lado, a atividade poética é uma excelente válvula de escape para as tensões diárias.

CULTURA: Por falar em tensões diárias, como vê a Economia brasileira e que medidas, como estudioso do assunto, proporia?

O Brasil é a oitava Economia do mundo, com uma das piores distribuições de renda, com vários Brasis, com uma estrutura de ensino péssima, com carências a todos os níveis. Enquanto o clientelismo e o coronelismo subsistirem, nada se pode fazer.

J. F.: Por alturas do Plano Cruzado, os alunos perguntavam-me o que iria acontecer. Lá lhes dava as indicações que me pareciam mais lógicas, porque o plano tinha uma lógica interna. Razões de política (não se confunda com Ciência Política) bloquearam o plano e ele bloqueou-se a ele próprio. O Brasil é demasiado imediatista. Tudo tem que resultar ontem. Esquece-se que as medidas de caráter econômico levam tempo a produzir efeitos. Os dois grandes problemas são a inflação e a dívida externa. Para os combater, é necessário combater violentamente o déficit público, parar com a política de emissão de moeda sem lastro, aumentar a produtividade e, como dizem mestres Galbraith e Rostow, criar um mercado interno que consuma o que se produz. Vamos ser um pouco humildes. Não pensar que a Economia do Brasil é a oitava do mundo, com uma das piores distribuições de renda, com vários Brasis, com uma estrutura de ensino péssima, com carências a todos os níveis sociais. Assim é impossível avançar. Enquanto o clientelismo e o coronelismo subsistirem, nada se pode fazer. Sabotam qualquer tentativa de reformulação de uma política econômica viável. Há que repensar este país que eu adotei e que, portanto, não lhe sou indiferente. O Brasil é um país. Será uma nação? Eis duas realidades diferentes.

Se um pintor quisesse juntar a uma cabeça humana um pescoço de cavalo

Então era um falo

Se a essa cabeça de cavalo o pintor quisesse juntar membros animais

Então eram as carícias sensuais

Se a invisível mão a toda a ordem quisesse aplicar variegadas plumas

Então eram evocações sumas

Mas,

se mãos dadas resvalam pelo corpo nu e todo e pernas e libações. . .

Carnal cio de evocações.



UM MENINO NO CASTELO

A Child in the Castle

JAIME FERNANDES

AO SUL DE JOSÉ

Marcos Konder Reis

Por que será que o momento de falar do Sul me trava a língua? Ah, se pelo menos houvesse, cortado na janela, batendo na vidraça, um susto azul! Se não posso falar, que fosse ao menos como se não coubesse, neste poema, o meu feryor. Mas se José se chama o céu, José também se chama Sul. Santo Antônio dos Anjos da Laguna!

Eis o ponto isolado, lá quase no fim do mapa, como um sinal no corpo de um cantar. Naquele bruto mar me faço escuna, no século XVII, e tento renouvar o litoral, meu tempo de menino, meu lugar neste mundo de repente. O meridiano, que passava por lá, como uma estrela correndo, a me dizer que já naquele tempo eu me chamava português; se deixara de lado esse nosso Rio Grande de São Pedro, foi para nos dar o prazer de o conquistar mais tarde; e se passara ao largo da Nova Colônia do Santíssimo Sacramento do Rio da Prata, foi para nos dar a alegria da força de plantar nos seus canteiros pedras e inscrições de uma presença primeira e nossa de senhores e o roteiro por onde se deve governar quem sair desse futuro para o Rio de Janeiro ou para a Vila de Santos. Há um pedaço de José gaúcho, há uma banda oriental que decido chamar de Benjamim: rebanhos, nuvens de carneiros,

no amanhã, no plano firmamento verde claro. O pampa, o vento forte, Vacarias, dos Pinhais e do Mar. Queluz de tardes a cair nas sete cores de um prisma que desmaio quando quinze. José da Silva Pais, o Brigadeiro, e que não pôde reconquistar Montevidéu. A Lagoa dos Patos, e tainhas. Ah, Santa Catarina grito de novo, o teu menino que abarca, nos braços, cataventos, todos os do mundo, numa ilha, na música de um sopro santosespírito, como a tentativa dele, pequenininho, de pronunciar teu nome: José dos Cataventos

Demarcação de teus limites: Tratado de Madri, 1751. Os Sete Povos das Missões, a Guerra Guarani, o banimento dos padres jesuítas. O Convênio do Pardo. Nossos marcos, no Sul. Nossos marcos no Norte: a posse da Amazônia. A gente dos Açores, que chegava. O que sobra do sertão? O rosto majestoso das ruínas curtido pelos ventos, austero e desfalcado: este rosto de pedra das igrejas, que os sinos desertaram, como um tremor, cinzentos: o sãomiguelarcanjo de um tempo revogado que azulejas, meu amor, quando arvore, a dançar-te, os meus intentos.



Handwritten text in a cursive script, likely a transcription of the poem's original or a related work. The text includes names and phrases such as: "nsuyu - Thokitos - Chichli-Ita", "Abye-Yala - Eldorado - Andes", "Pichu - Topimecheki - Yawos", "Wiyomaroo - Sarsayhuamen", "Ristobel - Jose Gabriel - Micael Bastides", "Abya-Yala - Eldorado - Andes - Ajotej", "Pichu - Topimecheki - Yawos", "Wiyomaroo - Sarsayhuamen", "Ristobel - Jose Gabriel - Micael Bastides", "Eldorado - Guaymas - Triguayen - Wichi Nilate", "Pichu - Topimecheki - Yawos", "Wiyomaroo - Sarsayhuamen", "Ristobel - Jose Gabriel - Micael Bastides", "1992", "Abya-Yala - Eldorado - Andes", "Pichu - Topimecheki - Yawos", "Wiyomaroo - Sarsayhuamen", "Ristobel - Jose Gabriel - Micael Bastides", "Eldorado - Guaymas - Triguayen - Wichi Nilate".

BRASIL QUANDO JOSÉ

O mais recente livro de poemas de Marcos Konder Reis*, confirma o que sobre o poeta escreveu Lúcio Cardoso em 1950: "Sua poesia, nova e desprovida de contatos com quase tudo o que tem sido criado no Brasil, assinala o aparecimento de um espírito de real valor, capaz de inaugurar por si sozinho uma estrada nova e de perspectivas amplas". Estas palavras foram escritas a propósito de *Praia Brava*, o sétimo livro de poesias do autor que já tem em sua bibliografia 27 títulos: 23 de poe-

mas, os outros de crônicas, contos e novelas. Depois de 38 anos, o depoimento de Lúcio continua atual porque Marcos é, sem dúvida, "uma das mais espontâneas forças de nossa poesia moderna". *Brasil quando José* compõe-se de trinta poemas aparentemente independentes que, no entanto, conjugam-se para a formação de um painel em que José é o Brasil menino, revisto poeticamente desde o Descobrimento, passando por várias etapas de nossa história, com referências diretas a alguns dos

personagens que mais a marcaram: Cabral, Pero Vaz de Caminha, Martin Afonso, Nóbrega, Anchieta, Meir de Sá, Zumbi, Tiradentes, Antônio Condeheiro, muitos outros. A leitura de *Brasil quando José*, através de relembração dos nomes evocados no contexto de sua atuação, é também uma revisão da geografia brasileira. A começar pelo poema *O Perfil*, que vai descrevendo, ponto a ponto, a nossa costa, concluída em *A Conquista do Sul*, quando chega a Santa Catarina: "São Francisco do Sul, Nossa Se-

nhora do Desterro; dessa costa me chega o encanto de um cinerros." Em outros poemas, como *O Sertão*, o poeta encarrega-se de descrever a terra interior, com o drama dos índios, dos negros e dos jagunços de Canudos. Este poema épico de Marcos Konder Reis, tendo como epígrafe uma poesia de Fernando Pessoa, mereceu a seguinte nota introdutória: "O autor deseja dizer a seus possíveis leitores que, neste livro, não somente compôs alguns poemas à maneira de Fernando Pessoa, que noutros foi citado mais de

uma vez, como, para escrever *O Sonho de José*, valeu-se, em grande parte, do texto de *Os Sertões*. Terá sido ou não indébita, esta apropriação? Seja como for, ele não se nega a sentar-se no banco dos réus. Deseja o autor dizer, também, que o livro-guia deste livro foi a *História do Brasil*, de Hélio Vianna." (H.L.)

* REIS, Marcos Konder. *Brasil quando José*. Rio de Janeiro, Livraria Editora Cátedra, 1988.

Teatro Infantil: EM DEBATE

Eliane Lisboa



Ilo Krugli

Há muito a questão do teatro infantil vinha se colocando como uma das necessidades básicas de discussão dentro do teatro catarinense. Por isso mesmo, a Fundação Catarinense de Cultura, organizou em outubro uma semana de debates reunindo alguns dos principais agentes culturais ligados ao teatro infantil ou ao problema da relação com a criança.

A presença de Ilo Krugli, um dos nomes mais importantes dentro do teatro no Brasil, permitiu que os debates fossem enriquecidos com a apresentação de seus espetáculos durante toda a semana. Garantiu ainda, a todos os interessados, a realização de um curso, ministrado pelo próprio Ilo, baseado no trabalho em cima dos objetos: objeto real, objeto imaginário.

Estes três momentos concatenados — as palestras e debates, os espetáculos e o curso —, permitiram no seu todo uma avaliação do significado do teatro infantil e a sua situação dentro do Estado de Santa Catarina.

Muitos dos mitos estabelecidos dentro das concepções do que seria o teatro infantil foram derrubados, e principalmente negou-se a validade desta particularização da categoria teatro infantil dentro do teatro em geral.

Para Nestor Monastério, diretor que desenvolve significativa

experiência no Rio Grande do Sul, o reconhecimento de um teatro dito infantil normalmente implica um empobrecimento do teatro, uma redução, um abaixamento do nível dos espetáculos, que ao invés de atrair as crianças acaba afastando-as das encenações.

O teatro infantil deve ser na verdade um teatro que busque, na sua forma e conteúdo, atingir o lado poético-mágico do espectador, independentemente de sua faixa de idade.

Este foi um tema desenvolvido também por Eglê Malheiros, ao analisar a literatura infantil e fazer a constatação do que o livro para crianças é uma novidade de nossa época. A preocupação de escrever para a criança com exclusividade, de estabelecer-se uma linguagem infantil, acaba resultando numa literatura pobre. O que se deveria buscar era apenas a criação artística, diz ela.

O livro para a criança certamente pode se caracterizar por um texto menos maciço, mas nunca por uma menor qualidade.

Segundo Eglê, a maioria dos livros infantis no Brasil tende para o didatismo, apresentando as questões de forma fechada, e para uma concepção naturalista de mundo, onde tudo é real, foi assim e sempre será assim. Ao contrário, nos diz ela, a obra de arte tem que ser aberta,

questionadora; o artista tem que ser autocrítico, conhecedor do seu país, do mundo em que vive, e responsável perante os outros.

O fantástico não é antônimo de realidade, afirma Eglê; ele pode ser uma forma de se aprofundar a realidade, de se fazer também com que certos temas, que poderiam ser mais chocantes, possam ser apresentados.

Estas questões, colocadas por Eglê Malheiros, do ponto de vista da literatura, correspondem, de um modo geral, às inquietações referentes ao teatro infantil, reveladas nesta semana de encontros.

Falar para a criança, através do teatro, é também uma responsabilidade, que implica profunda elaboração artística. O teatro para a criança é visto sempre como uma coisa menor, observa Nestor Monastério, quando na verdade deveria implicar uma maior responsabilidade. A magia que permite o teatro, as possibilidades de uso da imaginação, de sensibilizar o público, de viajar através da fantasia, são imensas e permitem, portanto, tratar-se de temas de grande profundidade, do interesse de todo ser humano.

O público retira do espetáculo aquilo que cada um individualmente é capaz de perceber. Não existe, no entender de Nestor, uma linguagem infantil, e a

busca de uma forma infantil de representação pode levar a uma imbecilização do ator e da própria criança. Cria-se uma linguagem totalmente artificial nos espetáculos infantis, algo muito próximo do circo, que tem a ver com aquele contexto, mas não com um espetáculo de teatro.

Os espetáculos apresentados por Ilo Krugli acabaram reforçando estas concepções, sendo verdadeiras lições do fazer teatral, do encanto e da magia nascendo a partir da mais alta simplicidade. Um mínimo de elementos cênicos, uma representação absolutamente descontraída, criam um mundo de magia no qual nos vemos envolvidos em temas de enorme profundidade e humanismo.

Outro mito do teatro infantil é a questão da participação. Constata-se afinal, e foi neste sentido que convergiram a maioria dos depoimentos, que a participação pode não significar nada mais do que uma reprodução mecânica de gestos induzidos, como o aplauso, por exemplo. O teatro pode ser assistido pela criança como o é pelo adulto. Se ele for de qualidade, sensível e belo, a criança será capaz de percebê-lo, sem necessitar de outro tipo de estímulos.

O didatismo excessivo, que Eglê já denunciava na literatura,

foi também questionado nos depoimentos de Nestor e Ilo. Não há por que fazer do palco uma outra escola, afirma Nestor.

Da situação do teatro infantil em Santa Catarina, a partir das diferentes declarações feitas pelos diversos diretores que participaram dos encontros, pode-se apreender dois elementos básicos.

O primeiro deles diz respeito ao conteúdo e forma dos trabalhos que comumente são apresentados em nossos palcos. Duas linhas se delineiam: um teatro mais voltado para as formas tradicionais, reproduzindo velhas encenações de sucesso garantido, e um teatro mais experimental, inovador, fazendo uso de novas linguagens.

Os diretores de teatro manifestaram a necessidade de que estas linhas se desenvolvam de forma espontânea, a partir do interesse dos próprios criadores, sem que

sejam determinados trabalhos como os corretos. Por outro lado, manifestaram ainda a necessidade de que a classe teatral se unifique no Estado, troque experiências, e deixe de ver o teatro infantil como o seu irmão pobre.

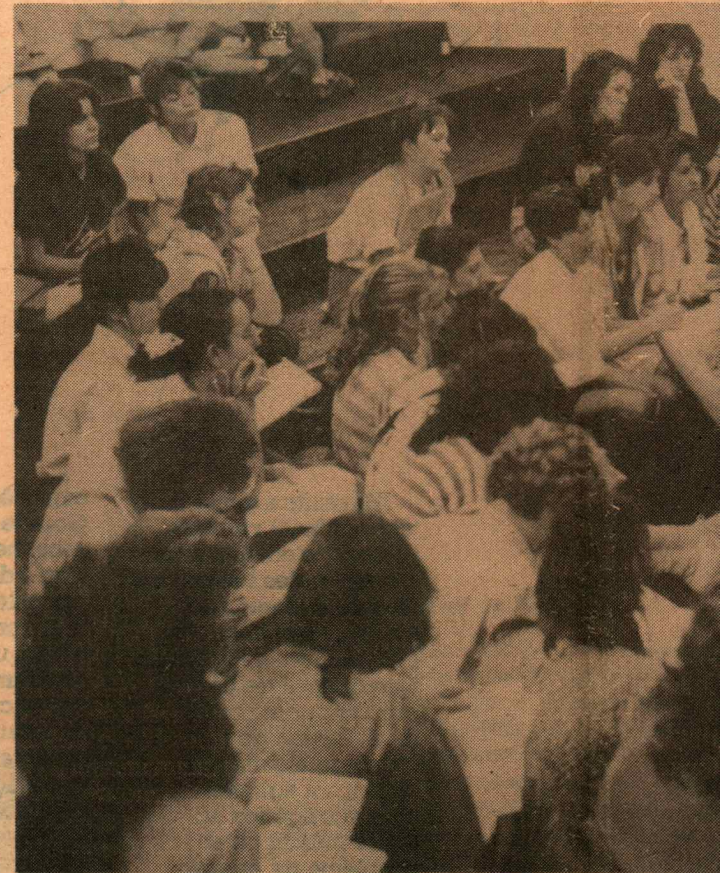
O segundo elemento surgido nas discussões, que deveria ser motivo de um encontro futuro, é a questão da produção teatral. A experiência dos grupos mais tradicionais neste campo precisa ser assimilada pelos novos, para que o seu fazer teatral atinja realmente ao público e não se limite a elocubrações em portas fechadas. Um espetáculo bem produzido atrai o público, faz circular as informações, e as novas linguagens podem chegar a influenciar os caminhos artísticos. Além de permitir, é claro, uma possibilidade de

sobrevivência aos grupos e um leque de opções ao público, que acabará por determinar suas inclinações de maneira democrática.



* Eliane Lisboa é jornalista e crítica de teatro do jornal "O Estado".

Realizou-se em Florianópolis, de 18 a 21 de outubro, o Encontro de Arte-Educadores da Região Sul, organizado pela Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, Fundação Catarinense de Cultura e Escolinha de Arte que, na ocasião, comemorou 25 anos de existência. Integrar profissionais da área, avaliando o papel das Escolas de Arte e sua importância na Educação foi um dos principais objetivos. Além de um manifesto de reivindicações e propostas de mudanças, o Encontro propiciou a formação da Associação de Arte-Educadores de Santa Catarina. O importante evento teve o patrocínio do BRADESCO e do Hotel Castelmar.



O sonho de todo arte-educador consciente é transformar cada escola numa grande escolinha de arte. Durante três dias, no mês de outubro, essa enorme utopia foi realimentada por especialistas — as maiores autoridades desta área no país* — e pelos 500 participantes do Encontro de Arte-Educadores da Região Sul, realizado no CIC (Centro Integrado de Cultura — Florianópolis). Ao final, mesmo carregando alguns questionamentos a mais, todos concordaram que é preciso resistir para manter o espaço conquistado pela arte-educação nas escolas. Somente assim será possível realizar o sonho de Augusto Rodrigues, que há 40 anos criou o movimento no Brasil. Essa utopia esbarra em inúmeros obstáculos. “Ainda não temos uma consciência crítica de nosso papel”, diz Noêmia Varela (RJ), uma das pioneiras da arte-educação no país, ao referir-se à função do educador dentro do que chama de “pequeno território libertador, independente, onde ainda é possível sonhar”. E mais: o Estado não supre as necessidades da educação, os professores ainda carregam o ranço do autoritarismo em sala de aula e nem todo arte-educador acompanha como devia as tendências da arte contemporânea — um pecado mortal para quem atua nesse campo. Esse movimento descentralizador, de raízes subversivas na medida em que gera uma ação criadora, pressupõe que o arte-educador deve estar apto para um mergulho ao íntimo de si mesmo com o objetivo de “trazer formas harmoniosas e revitalizadoras” ao seu trabalho. Osvaldo Goeldi,

um mestre já falecido, dizia que a experiência é importante para o educador sem perder de vista que a criação é puramente interior. Noêmia Varela é ainda mais contundente: “Arte não se ensina; o trabalho da educação através da arte deve ser aberto e pode ser feito na rua, numa arena de circo, sob uma árvore, não importando o nome que se dê à escola ou ao movimento, desde que seja mantida a filosofia original”.

Dentro do ideal de “melhorar o mundo através das pessoas que educamos”, como define Ane Kronbauer, diretora da Escolinha de Arte de Florianópolis, é preciso também considerar a “fome de visualidade” que anima as crianças e jovens de hoje. Ana Mae Barbosa (SP) outra autoridade no assunto, diz que a fragmentação da arte atual inviabiliza qualquer classificação e que a pós-modernidade — uma era de pluralidades e da dominação da imagem — eliminou o medo da cópia e trocou a originalidade pela elaboração. Assim, já se foram os tempos em que havia o receio de “corromper” as crianças e a obrigação de decifrar a “mensagem” do artista. Hoje os inimigos comuns são outros: o ensino deficiente, a tentativa de excluir a arte-educação do ensino básico, o “desenho pedagógico”, a pobreza de informações concretas em contraponto com o bombardeio de mensagens através da mídia.

O depoimento da gravadora Fayga Ostrower também foi fundamental para a reafirmação do papel do arte-educador no momento atual da arte e do ensino da arte. A arte é essencial para o

educador, e o requisito indispensável para que seus alunos passem a considerá-la como tal para si próprios é que ele tenha consciência disso. Daí advém o alerta, o toque do despertar para os mistérios da vida e da arte. Para Cecília Conde (RJ), também arte-educadora, a inquietação é outro mandamento de quem educa. Esta deveria ser a postura geral — a de fazer frente ao que é estabelecido às imposições da indústria cultural, à repressão do corpo, à marginalização do trabalho intelectual.

Inserindo o Encontro no contexto nacional, Fayga Ostrower apontou uma retomada no questionamento, na participação dos jovens, na procura maciça por saídas que redefinam os caminhos, tudo na base de “um sentimento mais humanista” e da tentativa de “sair do esmagamento das potencialidades do homem”. Essa transformação de comportamento surpreende quando se sabe que essa camada jovem foi criada à sombra da ditadura e encontra, hoje, uma situação



Foto Danisio Silva

Fazendo uma avaliação do Encontro, a diretora da Escolinha, Ane Kronbauer, citou depoimentos de participantes e convidados, que louvaram a organização e a oportunidade ímpar que o evento proporcionou no sentido de se permitirem trocas de experiências e uma discussão profunda de questões ligadas à arte-educação. A própria

Fayga Ostrower, com sua celebrada exigência, saiu elogiando a organização e o nível dos debates e das oficinas.

A Escolinha, que este ano festeja seu 25º aniversário e assinou a promoção do Encontro, segue a filosofia de Augusto Rodrigues e superou as expectativas na organização desse tipo de evento. A professora Ane entende que o intercâmbio sempre é sa-

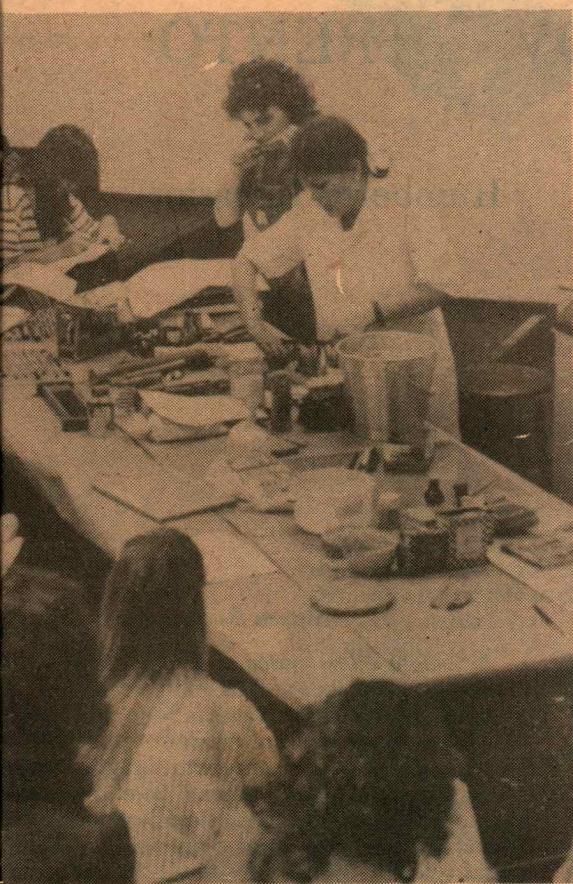


Foto Danísio Silva

degradante pela frente, em que se costuma subestimar a inteligência das pessoas. A participação aumenta, as discussões crescem, as escolas de Belas-artes estão lotadas e há um consenso em não repetir os erros da geração anterior, que fez da competição o primeiro mandamento de suas vidas.

* Palestrantes e professores de oficinas do Encontro: Ana Mae Tavares Bastos Barbosa (SP), Cecília Conde (RJ), Frank Graf (SC), Fayga Ostrower (RJ), Ingrid Dormien Koudela (SP), Léa Lúcia Soares (PR), Luciana Cavallin (PR), Luís Carlos Canabarro Machado (SC), Maria Cecília Pereira Lacava (SP), Noêmia de Araújo Varela (RJ), Noêmia da Silva Kellermann (SC), Olga Yolanda Romero (PR), Raimundo Martins (RS), Rosane Fernandes Kronbauer (SC), Sílvio Pléticos (SC), Umberto Eustáquio França e Silva (RJ), Vera Lúcia B. V. Russoufsky (RS), Vera Terezinha Leonard Callegari (RS), Zuleika Nunes da Silva de Medeiros (DF).

lutar e pode superar a falta de união e de consciência crítica e política de muitos arte-educadores, o que impede o alcance de muitas metas e a superação dos desafios que diariamente se interpõem a um trabalho no mínimo bem-intencionado.

De qualquer forma, a experiência foi proveitosa. Mesmo reconhecendo que o movimento das escolinhas

de arte é novo em seus 40 anos de existência, Ane entende que os papéis do arte-educador estão colocados e são claros: "Temos que criar consciências e estimular a sensibilidade e a visão crítica das crianças, para que elas possam driblar com mais ímpeto as dificuldades que a vida sempre coloca. Com criatividade, isso fica muito mais fácil".

ENCONTRO COM FAYGA OSTROWER

Os olhos claros e tranqüilos de Fayga Ostrower refletem a convicção de suas opiniões, fruto do estudo do fenômeno artístico a que vem se dedicando ao longo de dezenas de anos. Não é um estudo passivo de quem lê e visita museus, guardando para si todas as conclusões que possa tirar de tudo isto. É um estudo que tem dois vetores da maior importância: a aplicação das observações em sua própria arte e a disseminação desses conhecimentos, tanto por suas intervenções em congressos e seminários por todo o mundo, como pelos cursos que tem desenvolvido, principalmente no Rio de Janeiro.

Foi da maior importância a presença de Fayga Ostrower no Encontro de Arte-Educadores da Região Sul, realizado em Florianópolis entre 18 e 21 de outubro pela Secretaria de Cultura e Fundação Catarinense de Cultura, ao ensejo dos 25 anos da Escolinha de Arte. Falando sobre A Linguagem na Arte e As Artes Plásticas em Foco, a grande artista soube transmitir com segurança e precisão toda a sabedoria resultante dos estudos a que se dedica com amor, visando a propagação desinteressada da soma de informações que possui. Tanto no Centro Integrado de Cultura como na UDESC (Universidade para o Desenvolvimento de Santa Catarina), Fayga cativou os auditórios com a notável concisão dos conceitos emitidos, nenhum deles gratuito porque fundados na própria experiência de artista e educadora.

Durante sua permanência em Florianópolis, tivemos também a oportunidade de estar com Fayga Ostrower fora do contexto do Encontro, seja na abertura de sua exposição de litografias na Galeria do Papel (quando doou duas obras para o acervo do Museu de Arte de Santa Catarina), como em reuniões sociais paralelas ao evento. Durante as conversas informais mantidas nessas

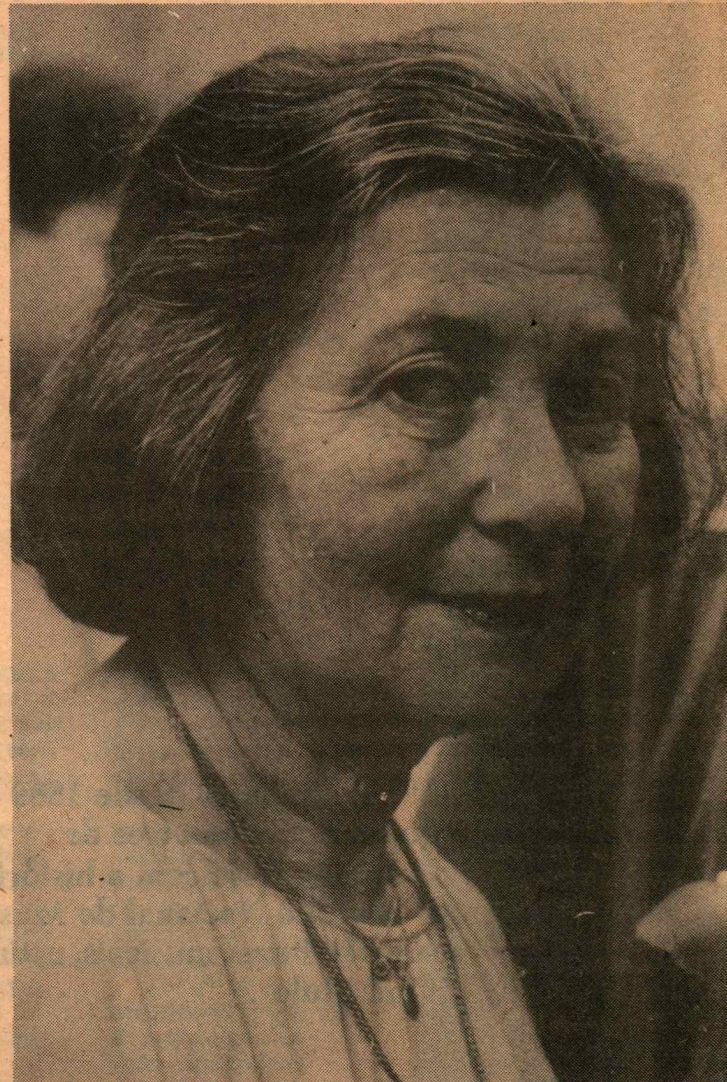


Foto Danísio Silva

ocasiões, fora das tensões a que está sujeito qualquer conferencista, pudemos verificar que ela, com a maior naturalidade, disserta sobre os temas de suas palestras como dona absoluta da matéria de suas especulações. Nada soa falso em sua argumentação, perfeitamente embasada em conhecimentos sólidos testados por sua sensibilidade de artista com uma das obras mais importantes no quadro da produção artística brasileira.

Nossa curiosidade voltou-se, naturalmente, para pontos extraprograma do Encontro. Por exemplo: que achou desta reunião de educadores da Região Sul? Depois de elogiar a organização de tudo a que assistiu e de que participou, veio a afirmação enfática: "Encontrei aqui a vontade autêntica dos jovens e de todos os participantes em realmente estruturar a educação artística, como pessoas idealistas que são." Vindo de Fayga Ostrower, acostumada a comparecer a tantos encontros semelhantes, essa opinião deve encher de orgulho a todos que estiveram envolvidos com esse acontecimento de tão grande alcance cultural.

No que se refere ao tema central do Encontro — Arte e Educação — a artista não foi menos concisa: "Trata-se de ensinar a viver". Ela acha que a arte é indispensável à vida,

por corresponder a uma necessidade do espírito. Ao professor cabe transmitir o entusiasmo pela técnica; ao estudante toca descobrir se aquele é seu caminho de vida, um caminho "que se procura a vida inteira." Diz Fayga que "lidando com a sensibilidade das pessoas, pode-se colaborar para a elucidação dos mistérios da vida e da arte, essa coisa infinita que tanto a vida como a arte representam." Do contato recíproco aluno-professor "surge o enriquecimento da sensibilidade e a conseqüente descoberta das possibilidades de criação ou recriação de obras de arte."

Antes que satisfizéssemos qualquer outra curiosidade, Fayga encarregou-se de desviar o assunto para um dos pontos que mais a surpreendeu: as Oficinas de Arte do MASC. "Em qualquer outro país, as Oficinas seriam reconhecidas como uma conquista, uma vitória". Com eloqüência, referiu-se ao dinamismo da equipe que lá trabalha, às pesquisas de novas técnicas, ao preparo de tintas e papéis, usando um adjetivo pouco comum em sua argumentação: "Tudo isto é fantástico!" E conclui: "Há tanta energia, tanta esperança... É um outro Brasil, como se gostaria que fosse o nosso Brasil inteiro." (H.L.)

CEM ANOS DE MÚSICA EM NOVA TRENTO

Humberto Tomasini

A Banda Padre Sabbatini toca desde 1889 em Nova Trento, a oitenta quilômetros de Florianópolis, confundindo-se com a história da cidade. Agora, o Instituto Nacional de Música levanta o acervo de partituras musicais, estimado em mais de dois mil títulos.



Angelo Sabbatini

1834. Província de Macerata, região central da Itália. Costa oriental banhada pelo Adriático. No dia nove de abril, a trinta quilômetros do mar, nasce o menino Angelo Sabbatini, mais tarde ordenado padre na Ordem dos Jesuítas. Aos 31 anos, embarca em missão sacerdotal ao Brasil.

1875. Província de Trento, norte da Itália. Região do Trentino-Alto-Ádige, nas encostas dos Alpes, fronteira com a Áustria. Centenas de famílias abandonam seus vales e montes em busca de nova vida na América. "Noi siamo partiti de nostro paese, noi siamo partiti com grande dolore, trenta sei giorni de machina e vapore, e al'Mérica noi siamo arrivati. Mérica, Mérica, Mérica, cosa saralo sta'Mérica. Mérica, Mérica, Mérica, le um mazzolino di fiori. . ." — diz a canção. Jovens casais, a maioria agricultores e hábeis artesãos, cruzam o Atlântico e dão início a uma saga, cujas causas e seqüência são narradas pelo escritor trentino Renzo M. Grosselli, em seu livro *Vincere o Morire — Nelle Foreste Brasiliane*, editado na Itália e também em língua portuguesa pela Editora Universitária da UFSC. Neste mesmo ano aportam em Santa Catarina e muitos se estabelecem *tra i monti*, no Vale do Rio Tijucas, dando origem ao então Distrito Colonial de Nova Trento.

1889. Distrito de Nova Trento. A 30 quilômetros da costa marítima e a 80 da capital, então Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis. Estas famílias, de alma naturalmete cantante, com o desejo de conservar suas tradições, constituíram, 14 anos depois de sua penosa chegada à nova terra, uma banda musical com o nome de *Società Filarmonica di Nuova Trento*. Não seria fácil

juntar os 845 mil réis que permitiram encomendar, no Rio de Janeiro, os vinte instrumentos e cadernetas onde se inscreveriam as partes cavadas que os primeiros músicos se propunham a executar. Organizou-a o Padre Angelo Sabbatini. Homem de grande talento, trabalhou em Santa Catarina, Pernambuco e São Paulo, falecendo em 1907 na cidade de Itu. Foi professor de língua latina e humanidades, mestre de música e canto, diretor de teatro e banda colegial, cantor, poeta, encadernador de livros, fundador e primeiro mestre da banda musical que hoje leva o seu nome.

1890. Nova Trento. É noite. Na residência dos jesuítas, ao lado da atiga Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em sua mesa de trabalho, o vigário Angelo Sabbatini escreve no diário da paróquia as seguintes palavras: "5 di junio — jovedí. Festa del Corpus Domini. Moltitudini tra grande. La Banda di Nuova Trento ese la prima volta suonando alla processione numerosissima. Dopo da funzione del mattino suona una polka innanzi alla chiesa. Il popolo é molto contento. Dopo le funzione della sera suona la banda innanzi a la chiesa. Il popolo applaude." Que estranhos e maravilhosos desígnios ligaram o menino Angelo, em Macerata, a outros meninos e meninas nos vales e montanhas de Trento.

Museu da Banda

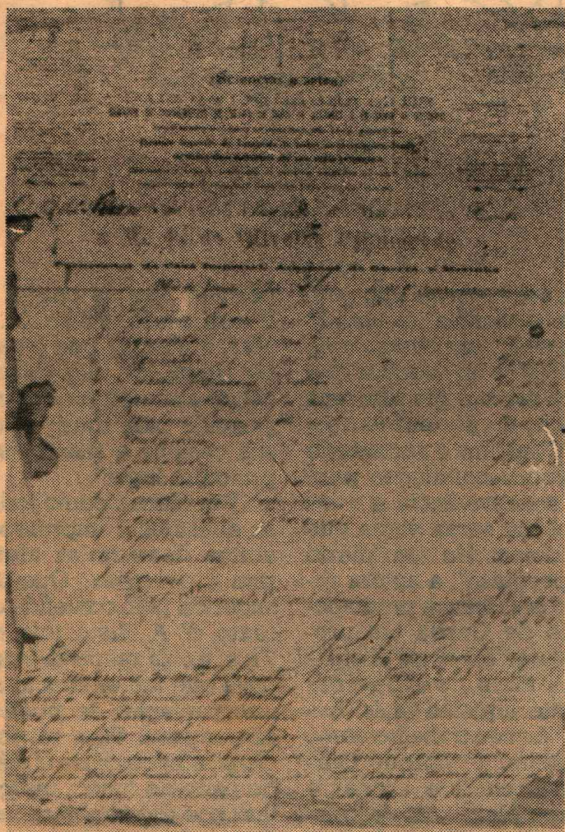
A *Società Filarmonica di Nuova Trento*, fundada em 1889, depois Sociedade Filarmônica Neotrentina, mantenedora até hoje da Banda Musical Padre Sabbatini, teve seus estatutos definitivamente constituídos no dia 25 de maio de 1890, documento redigido a mão, em italiano, e que é conservado até hoje. Em todos esses anos, a vida deste grupo musical confundiu-se com a da comunidade. Nas festas e procissões religiosas, nas missas solenes, nos cortejos fúnebres, nas festas populares, nos eventos cívicos e esportivos, em todos os momentos importantes, a Banda passou a simbolizar Nova Trento, a representá-lo em eventos fora do seu âmbito geográfico. Seus componentes renovam-se de geração a geração, através da escola de aprendizes de música mantida há décadas.

O Coral Folclórico Trentino nasceu à sua sombra. Espelha o espírito do povo neotrentino, sendo difícil imaginar Nova Trento sem a sua banda. Agora, passado quase um século de existência, ajudando a construir a história de sua gente, vê construída na esteira de seu caminho a sua própria história. Em sua sede estão zelosamente guardados documentos centenários relativos à vida deste conjunto (estatutos de fundação em italiano, atas, fotografias), instrumentos originais, dos quais se mantém as notas fiscais de compra na Casa Minerva, do Rio de Janeiro, em 1889. Um rico acervo de partituras estimado em mais de dois mil títulos (ver quadro), manuscritas desde os seus primórdios. Partituras originais de compositores neotrentinos, registros gravados com depoimentos de músicos.

Com a proximidade do centenário (1989), a Sociedade Filarmônica Neotrentina sentiu a necessidade de sistematizar este material e ampliar o acervo, mediante a organização de um núcleo dedicado à pesquisa, documentação e divulgação da memória da entidade, que carinhosamente poderíamos chamar de Museu da Banda.



Rara foto da "Società Filarmonica di Nuova Trento", atual Banda Pe. Sabbatini, nos seus primórdios de existência, ao final do século passado.



Nota de compra dos primeiros instrumentos na Casa Minerva, Rio de Janeiro, em 1889

Resgate Oficial

1987. Município de Nova Trento. Em pleno verão de janeiro catarinense. Grande parte da população urbana encontra-se nas praias do vizinho oceano. Na sede da SFN elabora-se, com a orientação técnica da Assessoria de Memória e Patrimônio Cultural, da Fundação Catarinense de Cultura, uma proposta ao Instituto Nacional de Música-Funarte, do Rio de Janeiro, para levantamento e registro da memória histórica da Banda. Assim teve início o Projeto Resgate da Memória da Banda Musical Padre Sabbatini, envolvendo a colaboração entre as esferas particular, municipal, estadual e federal. O passado e o presente da Banda estão merecendo tratamento cheio de cuidado e de carinho porque tudo contribui para fazer deste Projeto um exemplo, certamente capaz de estimular inúmeras bandas brasileiras na reconstituição de sua história, no tratamento de seu repertório, na valorização de seu papel na vida cultural de cada comunidade.

Na primeira etapa, fez-se o levantamento de fotografias e documentos, recorrendo-se aos arquivos da Casa Mãe da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição, em São Paulo, e da Província Jesuítica da Região Sul, em Porto Alegre, pois estas ordens, devido à sua atuação em Nova Trento, conservam documentação valiosa dos primeiros tempos da Banda. Mobilização foi feita para que todos colaborassem, particularmente as famílias dos antigos músicos, que podem contribuir com importantes informações.

Com apoio técnico e financeiro do INM-Funarte, associaram-se à entidade proponente a Prefeitura Municipal e, principalmente, a Fundação Catarinense de Cultura, orientadora da elaboração do projeto e disposta a envolver-se técnica e financeiramente, oferecendo o treinamento dos pesquisadores e assessoramento museológico. Começou-se o tratamento musicológico do acervo de partituras com a assistência especializada de musicólogos ligados ao Grupo de Estudos Musicais — INM. Encerrou-se a primeira etapa com montagem da exposição fotográfica e documental *Banda Padre Sabbatini: sua Terra, sua História*, inaugurada dia 5 de junho último pelo Governador do Estado, em Nova Trento.

Foto Divulgação

Banda Exemplar

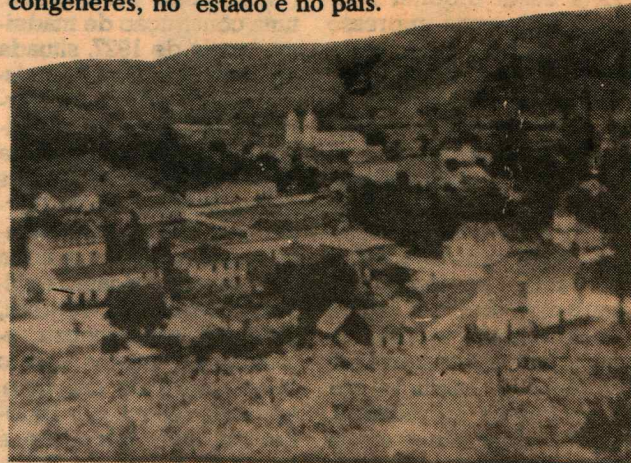
1988. Maio. É aprovada a continuidade do projeto pelo INM e pela FCC. Dado o interesse que desperta o quadro cultural resultante da fixação de imigrantes europeus no sul do país, levou-se em conta que o percurso histórico de nossa sociedade evidencia uma variedade de sistemas e modos de concepção de música que emergem da diversidade de origens, havendo um compromisso etno-musicológico com esta pluralidade. Considere-se, ainda, o papel singular da banda na sociedade brasileira, oferecendo o caso da Banda Pe. Sabbatini a oportunidade de se examinar a função da música, sua interação com outras dimensões da vida comunitária e sua capacidade de ser propulsora de novas ações.

Iniciou-se esta segunda etapa com um Curso de Reparação de Instrumentos, aberto às demais bandas catarinenses, e com as filmagens em vídeo documentando a Festa de Corpus Christi, tendo como protagonista a Banda. Prosseguem as pesquisas e entrevistas com sistematização do material recolhido, estruturação dos trabalhos de redação da Monografia Histórica da Banda e instalação gradativa do Núcleo Museológico da SFN. Na área de partituras, com a coordenação do Grupo de Estudos Musicais do INM e participação das Oficinas de Música da FCC, está sendo feita a classificação, identificação e organização do arquivo das peças, para então iniciar-se, efetivamente, a recuperação das partituras.

Concluídas estas fases, poderão ser empreendidos três trabalhos de aprofundamento: monografia musicológica, edição de partituras significativas e gravação de disco das

obras mais representativas do repertório neotrentino, com a participação de empresas locais. Estão previstos cursos de reciclagem teórica e instrumental, e oficinas de criação musical, abertos a músicos interessados na região, bem como cursos para formação de copistas de partituras.

Os resultados que se venham a obter com este trabalho na Banda Pe. Sabbatini poderão servir como experiência útil e exemplar para outras entidades congêneres, no estado e no país.



Vista parcial da cidade de Nova Trento no início dos anos 40

Foto Divulgação

* A *Sociedade Filarmônica Neotrentina* teve até hoje os seguintes presidentes: Pe. Angelo Sabbatini, Giovanni Valle, João Piazza, Pe. Oscar Zoller, Saturnino Fernandes, Hipólito Boiteux, Luiz Busnardo, Francisco Valle, Jordão Cadornim, Erico Feller, Oscar Ribeiro e Wilson Sgrott. *Mestres de Banda*: Pe. Angelo Sabbatini, Padre Rossi, *Batitempo* Piva, Francisco Mazzola, Domenico Sgrott, Nicolau Bado, Francisco Prada, Luiz Tomasi, Virgílio Tomasi e Eloi Tell. *Músicos compositores*: Francisco Mazzola, Nicolau Bado, Francisco Prada, Paulo Hartke, Luiz Tomasi. A escola de música mantida pela Banda conta com 13 novos aprendizes sob os cuidados do Mestre Virgílio Tomasi. O corpo musical é formado por 42 músicos, com idade média de 25 anos.

Humberto José Tomasini é técnico da Assessoria de Memória e Patrimônio Cultural da Fundação Catarinense de Cultura.

AÇÃO DO INM-FUNARTE

O Instituto Nacional de Música, da Fundação Nacional de Arte, vem desenvolvendo trabalhos em Nova Trento, SC, junto à Banda Musical Padre Sabbatini, visando a recuperação e a organização do acervo de partituras musicais.

A recuperação implica um completo levantamento

das obras existentes nos arquivos da Sociedade, às quais, estima-se, devem ultrapassar dois mil títulos, distribuídos em documentos, cuja origem, em alguns casos, remonta ainda aos primeiros imigrantes e fundadores da cidade. As partituras revelam todo o percurso histórico, musical e

social da Banda, uma atividade centenária, ininterrupta, e que é expressão legítima de circunstâncias culturais bem próprias da realidade brasileira e de suas manifestações artísticas. A organização pretende a classificação do acervo no que diz respeito ao gênero e função do repertório encontrado, autores, instrumentação, período de composição, origem e importância com relação a épocas ou fatos testemunhados pela Banda Padre Sabbatini enquanto personagem neotrentino.

Realiza-se o trabalho com a assessoria de técnicos vinculados ao INM-FU-

NARTE e com a colaboração direta de músicos locais, conforme o programa estabelecido. Como resultado mais imediato da realização, deverá ser editado um catálogo provisório do repertório documentado nos arquivos da Sociedade Filarmônica, o qual, além de dar conta do universo musical ali existente, poderá vir a ser elemento importante como apoio e referência a quaisquer pesquisas subsequentes que se queira desenvolver, referentes à expressão musical catarinense em sua dimensão regional emergente da imigração italiana e que tenha nas bandas o seu veículo direto.



A HISTORIETA DE TRUZ

LIVRO - OBJETO DE ARTE

A Historieta de Truz, "Livro-Objeto de História" da artista plástica gaúcha Vera Lúcia Didonet Thomaz, é um texto impresso numa única página, enrolada e segura por uma fita marrom, guardada no interior de uma pequena caixa cilíndrica de madeira com desenhos de folhas e pássaros. Trata-se do resultado artístico-literário-histórico da experiência vivida pela autora no casarão de um bairro de Curitiba, PR (casarão onde viveu o escultor de origem alemã Erbo Stenzel), habitado por duas únicas moradoras, Gerda Metzenthin e sua mãe Edwiges, personagens que sustentavam curiosa relação baseada no passado e retida nas inúmeras caixas de relíquias espalhadas pela casa. "Elas viviam cercadas de cães e gatos, que conviviam com as duas mulheres como se fossem pessoas", diz a artista Didonet Thomaz. A propósito, a palavra "Truz", que significa "açote", é representada na Historieta pelo som do rabo de um gato chicoteando o ar e simbolizando o poder.

As implicações históricas, pano-de-fundo da experiência de Didonet Thomaz, vêm sintetizadas a seguir por *Silvio Galvão de Queirós*, pesquisador do Museu Histórico de Santa Catarina/Palácio Cruz e Sousa, local da exposição, entre 4 e 20 de novembro, de A Historieta de Truz.

"A pesquisa em desenho foi feita entre os anos de 1986 e 1987 e a história que se conta é a desse período, enquanto a artista desenha e observa o desenrolar das vidas ao redor. Pesquisa e construção artística feitas na casa de

artistas-artífices: residência que pertence aos descendentes de Erbo Stenzel (*), escultor paranaense; uma construção de madeira datada de 1927, situada na Travessa Gen. Francisco de Lima e Silva, 65, Bairro de São Francisco, Curitiba (PR), sendo habitada desde 1976 por Edwiges Metzenthin e sua filha Gerda, que para lá se mudaram provisoriamente a fim de que a casa ficasse habitada. Gerda Metzenthin, peleteira, permaneceu residindo ali, mesmo após o falecimento de sua mãe, em 1986. Afirma-nos Didonet em suas falas que a partir da morte de Edwiges Metzenthin seu trabalho fluiu lentamente, como se a "autoridade da morte" realmente significasse um limite. Nesse período, faleceram o irmão Rodolfo e inúmeros animais que povoavam a casa mas..." Gerda sobrevive a sua gente, aos seus bichos, sendo a principal guardiã dessa história...

... "A família Stenzel, originou-se em parte de remigrantes da antiga Colônia Dona Francisca, hoje Joinville/SC"...

São Francisco, o bairro, foi formado por famílias de imigrantes e remigrantes que receberam suas terras da municipalidade curitibana nos fins do século XIX e início do século XX para que ali se estabelecessem. A família Stenzel originou-se em parte de remigrantes da antiga Colônia Dona Francisca, hoje Joinville (SC) e de outra parte da própria Curitiba (PR), tendo se estabelecido nesse bairro juntamente com outras famílias de origem alemã e de outras nacionalidades que lá se misturaram. Sobre a con-

tribuição dos luteranos alemães ao desenvolvimento de Curitiba no comércio, nos clubes e associações culturais, há muitas controvérsias dividindo os historiadores paranaenses.

Os alemães e seus descendentes sofreram pressões sociais ao longo de sua história, principalmente no período que vai da Primeira Guerra Mundial, àquele imediatamente posterior à segunda dessas Guerras.

Findo o fluxo imigratório europeu nos anos 30, de quais modos se preser-

entre o que se passa fora e o que ocorre dentro e casa, detectado através dos hábitos (...) Dona Edwiges folheava velhas revistas alemãs. Talvez porque as tinha à mão. Mas é mais profundo dizer que tais atos tenham o poder de vitalizar a sua natureza. Todos os que viviam e frequentavam a casa eram bilingües e isto os transformavam em criaturas menos suspeitas. O idioma original era exercitado sem ofender à nação escolhida para viver (...) A devastação sobreviveu nesse universo e folhas amarela-

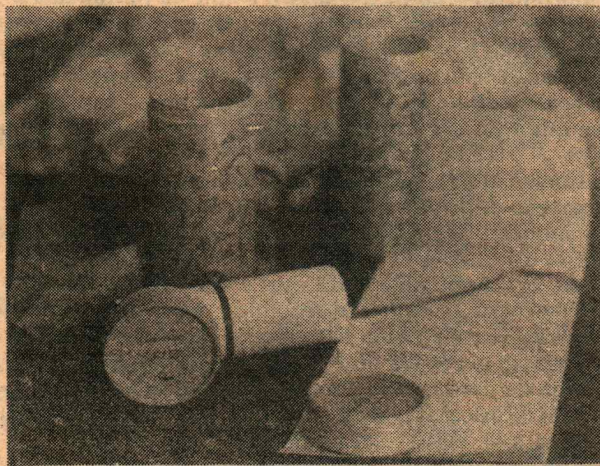


Foto Divulgateca

vavam, ou, se atualizaram, os valores germânicos, na comunidade teuto-brasileira em geral e, na curitibana em particular? Como a família Stenzel foi afetada pelas pressões acima mencionadas? Recorrer às fontes historiográficas sobre o assunto não é o caminho mais indicado para responder a questão. Será, através da observação microscópica da autora sobre o movimento do cotidiano familiar dos Stenzel/Metzenthin que poderemos obter a resposta...

"Não há registro efetivo afora a aparente sincronia

das, de vozes roucas conversando (...) caseiramente, de pai para filho, informando gerações".

Gerda Metzenthin é a personagem principal de toda a História de Historieta de Truz; realizou o processo de convencimento das resistências veladamente opostas à presença da artista na casa. Após a morte da mãe, tornou-se a facilitadora dos caminhos da pesquisa. Paradoxalmente... "dentro do texto, não passa efetivamente de um dos "manequins de "Es" (Erbo Stenzel, Escultor)". Gerda vive cercada

"por sua herança", por animais e plantas, mantendo com eles, assim como com os objetos do escultor que estão sob sua guarda, uma relação de perfeita harmonia. Consome o necessário e produz condições para sua sobrevivência e a de todos os seres vivos que a rodeiam. No seu "diário de pesquisa", a autora registrou a imensa predisposição de Gerda em procrastinar tanto as obrigações mais corriqueiras quanto aquelas mais "sérias" de seu trabalho como peleteira... "porque Gerda nasceu para sonhar e contemplar"... Nele, ressalta a importância de Gerda como uma "resistente" ao arbítrio massificador e invasor do sistema capitalista e dela se diz, que... "Acusada pelos entendidos de deixar o patrimônio de Erbo se empoeirar, é uma denúncia por si mesma, porque este é o fim do homem e do universo. Essa verdade é brutal"...

Didonet registrou: "Depois que a mãe morreu, começaram a falar na evacuação da casa. Parece que há um prazo (...) Ela disse que jamais havia cortado um galho de limoeiro, em compensação estavam querendo passar um trator pela casa"... E numa referência às metáforas que empregou no texto da Historieta, revela-nos a autora... "aqui está o poder, encarnado pelo gato que bate o rabo sobre a mesa, inconseqüente, dimensionando cadenciadamente a conclusão: de tudo "... e prossegue dizendo que a solução encontrada por Gerda foi ir... "até o quintal plantar um caramanchão que, segundo ela, há de crescer lindíssimo e há de entusiasmar a ponto de

permitir que as coisas fiquem onde estão (...) Mas, à medida que o tempo passa, ela vai esquecendo a sentença e se preparando para transplantar sua casinha e suas coisas pra outro lugar"...

Por último, como todas as questões e impressões acima destacadas afetaram a pesquisa? Questão sugerida pelo conteúdo do texto d' A Historieta de Truz, e cuja resposta exige mais que um exercício de interpretação da poética empregada. Para respondê-la, é necessário ir além do pano-de-fundo, mergulhar nos depoimentos, nas fontes documentais sobre a família e a conjuntura que a circunscreve ainda hoje; nos restos cobertos pelo pó em que parecem desaparecer os emblemas do imaginário destas pessoas — signos de uma época — sua ideologia, para dali sair como a "belatriz"... co's papéis sedosos e a caneta pontuda trotando em "Zieckzack", roubando as falas da ascendência. E, deste modo, dando voz aos que não a tem ainda hoje; abrindo espaços para uma abordagem maior do fenômeno histórico em sua dimensão ideológica, difícil de abordar posto que contemporâneo, mas que com o sabor da antiguidade, revela um universo privilegiado para o historiador das mentalidades."

(*) O Escultor Erbo Stenzel era primo-irmão de Edwiges Metzenthin que, por sua vez, era mãe de Evelino Rodolfo Metzenthin, Gerda Metzenthin e, Asta Metzenthin Zane (casada com um conde italiano e residente na Itália).

DIDONET





O LEITOR DÁ AS CARTAS

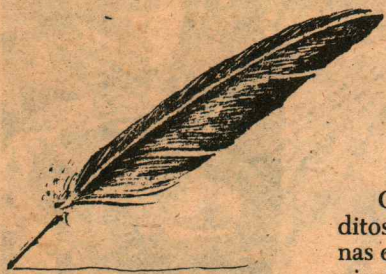
Apraz-nos acusar o recebimento de exemplar do jornal CULTURA. Na oportunidade, desejamos transmitir nossos parabéns pelo jornal e formular votos de feliz e fecunda caminhada na simpática missão de divulgar as artes — todas elas — e os homens que dela fazem profissão de fé. Longa vida ao CULTURA e nossos cumprimentos à equipe de redatores e colaboradores e todo o corpo gráfico, que se movimentam para que o jornal saia cada vez melhor.
João Henrique Blasi, Secretário da Justiça, Florianópolis, SC.

Venho pela presente saudar e parabenizar a Fundação Catarinense de Cultura pela feliz iniciativa de dar aos catarinenses um órgão a ela dedicado. Espero que o mesmo dê atenção, ou melhor, se volte, também para a Região Oeste a fim de que seja conhecida a nossa cultura e os nossos produtos culturais, e os seus produtores, prevalecendo a idéia de Alcides Buss, Elke Hering e Sílvio Orlando Borges, que parece sintetizar as nossas pretensões oestinas.
Silvério R. da Costa, Chapecó, SC.

Recebi, com satisfação, o exemplar n.º 0 de CULTURA. Apresento meus cumprimentos pela qualidade gráfica e excelente material desta edição, fazendo votos que o jornal tenha êxito total, contribuindo, assim, para a divulgação da riquíssima e multifacetada cultura de nosso Estado.

Ione Ramos, Presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 12.ª Região, Florianópolis, SC.

Nota: não são transcritas cartas com assinatura ilegível e sem endereço do remetente. Por necessidade de espaço, o assunto pode ser resumido.



CONCURSO NACIONAL: ROMANCE E POESIA

Estão abertas as inscrições para os concursos literários promovidos pela Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte e pela Fundação Catarinense de Cultura: Prêmio Nacional Virgílio Várzea, para romance e Prêmio Nacional Luís Delfino, para poesia. Foi introduzida uma modificação nestes tradicionais concursos literários de Santa Catarina: o prêmio aos prosadores passa a ser de contos nos anos ímpares e de romance nos anos pares. O Concurso Literário 1988, portanto, vai escolher o melhor romance.

Como participar

O Concurso é aberto a todos os brasileiros residentes no país ou no exterior. Os originais, com um mínimo de 50 páginas para poesia e 120 para romances, deverão ser enviados em três vias, datilografados ou impressos por computador em papel formato ofício, de um só lado da folha, espaço dois, em português.

Os originais deverão ser inéditos e neles deve constar apenas o título do livro e o pseudônimo do autor. Um envelope com estes dados na parte de fora, deve conter no interior os seguintes dados: título de livro, pseudônimo do autor, nome completo, endereço, breve currículo.

A remessa dos originais encerra-se dia 30 de abril de 1989, devendo ser feita para: Concurso Literário-88, Prêmio Nacional Virgílio Várzea, para Romance (ou Prêmio Nacional Luís Delfino, para poesias) — Assessoria de Letras da Fundação Catarinense de Cultura — Rua Tenente Silveira, 69 — 3.º andar — Cx. Postal D-31 — 88010 — Florianópolis — SC.

Premiação

Os originais premiados em cada categoria receberão 100 OTNs (vigentes no mês da entrega) e mais a publicação do livro com uma tiragem de um mil exemplares. Os autores premiados assinarão contrato, cedendo os direitos da 1.ª edição à Fundação Catarinense de Cultura.

O regulamento completo do Concurso está à disposição dos interessados na Assessoria de Letras da FCC (endereço acima indicado).

VÍDEOS CATARINENSES DESTACAM-SE EM FESTIVAL

No final de outubro passado, foi realizado em Porto Alegre o II Festival de Vídeo Independente, com produtores de vídeo do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Participaram do Festival 41 produções em VHS e U-Matic, sendo que o Rio Grande do Sul inscreveu 20, Santa Catarina 10 e Paraná 11, nas categorias Documentário, Educativo, Ficção e Reportagem.

O evento foi organizado pelo Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (RS), com o apoio da Fundação Catarinense de Cultura e do Museu da Imagem e do Som do Paraná.

Pela Comissão Julgadora formada por Cláudio Pereira (da Atlântida FM, Porto Alegre), Luiz Eduardo Crescente (da TV Educativa, Porto Alegre), Maria Célia de Bernardi Maciel (da Fundação Catarinense de Cultura, Florianópolis), Ronaldo dos Anjos (produtor independente e da FCC, Florianópolis), Luiz Antônio Barreto Bocchi e Celina Alvetti (ambos do Museu da Imagem e do Som do Paraná), foram premiados os seguintes vídeos:

U-MATIC

Nesta bitola o vencedor foi a Lua Crescente em Amsterdã, ficção de Roberto D'Ávila — do Paraná, que levou os prêmios de melhor U-Matic,



Foto Divulgação

direção, fotografia e edição. É também do Paraná a melhor atriz: Renata Martelli em Miss Coração Solitário ficção, de Cláudio Callão.

Santa Catarina ficou com os prêmios de melhor roteiro, com Santo de Casa — documentário de Bebel O. Schaefer; melhor sonorização: Catumbi, uma tradição negra, documentário de Zeca Pires, e melhor ator para Márlcio Silveira, em Profissão Professor, educativo de Jair dos Santos.

VHS

Santa Catarina levou os prêmios de melhor VHS com a reportagem de Gilberto Motta e Valdir Maurício, Ganchos 88: E deu boi nas

cabeças; e melhor edição para O Espelho, ficção, de Fábio Brüggmann.

O Rio Grande do Sul ficou com os prêmios de melhor direção e roteiro com Verinha Verão, ficção, de Mauro Ferreira e Flávio Galvão. Ficou ainda com o Rio Grande do Sul a melhor sonorização — Câmara Mortuária, ficção, de Carlos Azambuja; e melhor ator para Jânio Alves — Teleprisão, ficção, de Fernando Mantelli.

Coube ao Paraná os prêmios de melhor fotografia — Cavalhadas em Garapuava, documentário de Valêncio Xavier, e melhor atriz: Maria Adélia Ferreira, em Loucura, documentário de André Gentil.

G E R A I S

ACONTECIMENTOS EM SC

NOVEMBRO

Joinville. Simpósio de Arte, de 17 a 20, reunindo críticos de arte de vários Estados e artistas de Joinville, numa promoção da Fundação Cultural de Museu de Arte daquela cidade.

Lages. Semana de Lages, de 15 a 22, com desfiles de bandas, exposições e venda de artesanato, shows artísticos, lançamento de livros de escritores lageanos e gincanas culturais para escolares.

Pomerode. 5.ª Exposição de Pintura em Porcelana, dia 16. Cinqüenta artistas da cidade, entre crianças e adultos, mostram trabalhos de pintura em porcelana no Centro de Exposições da Prefeitura Municipal.

Brusque. Bienal Internacional de Artes e Exposição de Orquídeas, de 18 a 27, no pavilhão da FIDEB. Artistas de 45 países participam da Bienal. A Exposição de Orquídeas é de caráter estadual.

Tangará. Festival do Chope, de 18 a 20, no Clube Recreativo Bonitense. O Festival vem se realizando há 9 anos, com muito chope e comida típica da região.

Florianópolis

Apresentação da Orquestra Espiral Suzuki, dia 19, na Biblioteca Pública do Estado;

Semana do Troca-Troca. Troca de livros usados por livros em duplicata na Biblioteca Pública do Estado, de 21 a 25;

Exposição de Orquídeas, dia 23, no Museu Histórico de Santa Catarina/Palácio Cruz e Sousa.

DEZEMBRO

Criciúma. Festa de Santa Bárbara, dia 4, na Igreja Santa Bárbara. Festa religiosa em homenagem aos trabalhadores das minas de carvão.

Sombrio. Provas de laço, gineceadas, fandangos, missa campal e exposições no Parque do CTC Sul Catarinense, durante a primeira semana de dezembro.

Brusque. Audição de música e exposição de pinturas, de 9 a 12, no Auditório da Prefeitura Municipal, em apresentação de alunos da Escola de Música e do Curso de Pintura da ASSAC.

Presidente Getúlio. Apresentação do Grupo de Patinação "Roda Viva", dia 10, no Ginásio de Esportes local.

Lebon Régis. Semana do Município, de 13 a 19. Serão realizados festejos tradicionalistas e

culturais da região, no Ginásio de Esportes "Raulino Bonatti", Siderópolis. Dia do Município. Promoções esportivas, sociais e culturais serão realizadas no dia 19, no Ginásio de Esportes "19 de Dezembro" e na Praça Matriz.

Canelinha. Aniversário da emancipação política do município. As festividades acontecerão no dia 23, na Praça Municipal.

Laguna. Festa de Iemanjá, dia 31, na orla marítima de Laguna.

Florianópolis

O Museu de Arte de Santa Catarina abre, no dia 1.º, o Ciclo de Dezembro, quando serão apresentadas retrospectivas de obras de José Silveira D'Ávila e Vera Sabino. Haverá também a Exposição de Fotografia/Jornalismo Catarinense e mostra do acervo do MASC — aquisições e doações em 1988.

De 1.º a 18, na Casa da Alfândega, exposição de obras dos artistas João Olibio e Tânia Vescovi.

Arte Popular Utilitária Catarinense, de 15/12 a 29/01/89, na Casa da Alfândega. Mostra de artesanato utilitário produzido por artesãos catarinenses.

Apresentação do "Presépio Vivo", de 21 a 23, no Jardim do Museu Histórico de Santa Catarina/Palácio Cruz e Sousa.

DEPOIMENTO DE UM FILHO ADOTIVO

Quem me criou foi o capitão Alphonsus, conhecido pelos viajantes como exímio curador de furúnculos. Apesar de solteiro, chegou a adotar mais de quarenta crianças.

Sofri muito no começo, mas aos poucos fui me ambientando. Na ausência dele passei a ser o responsável por tudo. Num dia, ainda me recordo, librei Alpínio da desgraça ministrando veneno no copo de plástico. Parecia um passarinho. Até hoje supõem ser outra a origem da morte.

Verdade é que anualmente falece um, tendo os vizinhos já se acostumado. Hoje constato, com certa tristeza, que o único vivo é Lando, famoso por ter descoberto um cofre contendo antigas moedas de ouro.

No íntimo não tenho coragem para eliminá-lo. Mas serei incoerente, se não o fizer. Ele anda desconfiado e sabe que não escapará.

Armado, obriguei-o a caminhar até à beira do poço. Com um velho balde teve que tirar toda a água e colocá-la na piscina. Fez o trabalho umas trinta vezes. Na última caiu, debatendo-se.

Como eu o vigiava, de longe, corri em sua direção para salvá-lo. Com muito esforço consegui retirar o corpo; todos são testemunhas.

Com um morto, afinal, o que se pode fazer?



Péricles Prade, poeta, contista e ensaísta catarinense, mora em São Paulo, onde tem escritório de advocacia. O conto desta página pertence ao seu livro *Alfa ômega para gigantes*, São Paulo, Editora Alfa-Ômega, 1980.